

Editorial

A revista Ensaios Filosóficos apresenta a publicação de mais um número, finalizando o ano de 2025, onde procurou, através da participação ampla de pesquisadores, dentre eles estudantes e professores, garantir a temática livre que principalmente trouxe desde elementos de pesquisa filosófica e de áreas afins, até a questão do conhecimento, da memória filosófica e histórica, considerando as várias fases de produção do saber humano.

Inicialmente uma palavra sobre a capa da revista. Como aquelas de números anteriores, proporciona sempre uma associação entre os conteúdos disponibilizados e as imagens, relação sempre interessante para a filosofia que em sua história foi aos poucos percebendo a importância de recorrer às imagens para discussão de ideias complexas. Neste número, trouxemos os Lobinhos..., desenho e concepção de Bruno Pfeil que já vem se debruçando sobre a questão da animalidade e a filosofia, embora, não apenas sobre isto. A figura do lobo, geralmente identificado como “lobo mau” foi utilizada muitas vezes por pensadores da filosofia e das ciências sociais, mas também como figura de fábulas (Pedro e o Lobo de Esopo) e histórias infantis (Chapeuzinho Vermelho, O Lobo e o Alfaiate, o Lobo e os Sete Cabritinhos, Os Três Porquinhos). Essa figura que pode despertar medo, assombrar, na verdade, é aparentada de inúmeros saberes e crenças dos humanos. Assim, ela aparece, também, na filosofia, na história e é deixada a correr através de inúmeros pensamentos e ações.

Sabemos que esse mamífero canídeo vive em geral em grupos (as alcateias); os lobos são caçadores eficientes de grande resistência física e comportamento que poderíamos denominar “cooperativo” com relação aos seus parceiros. Essa característica geral foi traduzida em algumas culturas humanas como símbolo de coragem e lealdade, ensinando para algumas o equilíbrio entre a liberdade e o coletivo, tal como se evidencia em algumas narrativas da ancestralidade. No entanto, se por um lado o lobo simboliza independência para a sabedoria ancestral, por outro lado, quando ele se transfigura em “solitário” passa a ser assimilado como crueldade e egoísmo. Então, ele é um arquétipo duplo, por um lado traduz uma espécie de soberania, por outro, a bestialidade. O senso comum o enxerga muitas vezes, ainda, como símbolo do mal. Daí as figuras, infantis ou não, do lobo mau; e na filosofia, por exemplo, “o homem lobo do homem” de Hobbes, figura animal do político e por aí vai...

As figuras canídeas, parecem, então, dizer: somos livres, prezamos o equilíbrio entre independência e liberdade, mas não mexam conosco, pois podemos nos tornar perigosos e

violentos. Assim, os temas desse número da Ensaio se debruçaram sobre essas características, que afinal, são aquelas do humano.

Uma outra perspectiva a ressaltar é que a temática filosófica e histórica tem o dever de lutar pela memória. Devemos saber lidar com a memória. Em vez de esquecer, mesmo que de forma inconsciente, para não lembrar, trazemos a memória sempre. Esse número da Ensaio procurou, ao manter a diversidade temática, a preservação da memória filosófica, histórica e da educação.

Desse modo, guardadas e respeitadas as diferenças, o texto de Emerson Facção, “O método dialógico aplicado para a pedagogia da juventude”, mergulha num projeto de educação informal do NEC- Núcleo de Educação e Cultura da Fundação Progresso que em 2007 ofereceu através da Oficina de Criação Poética um diálogo crítico a partir da relação com a Filosofia, Literatura, Cinema e Música. O artigo “A Filosofia do Ensino em Jean Paul Sartre” de Fábio Borges-Rosário traz a discussão do ensino de filosofia através de textos e de falas do pensador Sartre sobre a filosofia produzida diretamente nas ruas ou praças públicas, diferentemente da pesquisa acadêmica não muito afeita aos espaços de democratização como por vir. O artigo de Maria Victoria Abdalla, “O Não-humano e a língua- Um ensaio sobre bebês e crianças na escola” é um ensaio sobre a experiência com bebês e crianças numa escola infantil de São Paulo. Trabalha com a linguagem no espaço escolar utilizando as premissas da esquizoanálise e com isso referencia a pesquisa em Deleuze e Guattari, mas também, em Nietzsche. Em “O sujeito de desempenho na sociedade do cansaço segundo Byung-Chul Han”, Carla da Silva Barreto investiga o conceito de sujeito do desempenho desse autor, trazendo, também, o diálogo sobre preocupações contemporâneas com alguns autores, dentre eles, Foucault e Arendt. Ana Julia Penissi analisa o significado de discursos antidemocráticos pela volta da ditadura militar no Brasil, considerando o desvio cognitivo da Rosy retrospection em “O retrovisor embaçado: retrospectiva idílica e o discurso pró-ditadura”. “O esperar selvagem no fim dos tempos do capitalismo”, é um ensaio chamado pelo autor André Luiz Mendonça de *amefricano*, onde ele explora os fins dos tempos em que vivemos e sua insurreição “contra uma religiosidade, por assim dizer, diabólica”. “Memória de Mulheres na História da UERJ e do Brasil” é o artigo de Julia Reis Couto e Maria Alice Antunes Birbeire, que buscou analisar a memória institucional da UERJ através do desempenho das mulheres cujos papéis foram os mais relevantes para a história da instituição e para a vida pública no Brasil. Fernando Maia Freire Ribeiro discute a questão das flutuações harmônicas e das ramificações filosóficas, mas também nas artes, em seu texto “Ramificações [flutuações harmônicas]”, com inspiração na filosofia de Whitehead.

Fernando Freitas Fuão e Ma. Bianca Ramires Soares exploraram a questão da linguagem como elemento estrutural da domesticação humana em seu artigo “Linguagem e Domesticação”, trazendo a contribuição de Jonh Zerzan e a inspiração em Foucault, Heidegger e Derrida. O artigo “Manifestação de Pombagira; a interseção entre espiritualidade, gênero e raça na identidade Afro- brasileira” cuja autoria é de Natalia Rodrigues Stoco, aponta a representação ancestral de Pombagira no Candomblé e Umbanda e traz, também, conceitos filosóficos africanos como Cosmosensação e Ubuntu para a compreensão da identidade e espiritualidade. Uellinton Valentim Corsi apresenta a questão do *ius post bellum* (direito pós-guerra) em Francisco de Vitória e o conceito de guerra justa em seu artigo “Sobre o direito de aplicação de penas por uma nação ofendida conforme a noção de guerra justa em Francisco de Vitória”.

Esse número apresenta, ainda, uma entrevista nomeada “A propósito da Filosofia- Diálogo entre duas gerações” com Dirce Eleonora Nigro Solis e Nathan Braga Fontoura; e uma tradução para o português, realizada por Bruno Latini Pfeil e Cello Latini Pfeil, do artigo de Debra Higgs Strickland, “Introduction: The Future is necessarily monstrous” [Introdução: O Futuro é necessariamente monstruoso].

Desejamos que esses textos sejam para os leitores e leitoras de muito boa valia.

O Corpo Editorial